

Pesquisa em Iniciação Científica: relato de experiência sobre a investigação de vínculos de estudantes de escola pública durante a pandemia no município de São Mateus - ES

MOREIRA, Ruth Sales Firme¹
PAIVA, Jair Miranda de²

Resumo: A pesquisa em questão teve por objetivo geral investigar o vínculo de estudantes da rede pública de ensino com a escola em tempos de pandemia de covid-19; como objetivos específicos visamos descrever ações de gestores municipais, diretores de escola e uma docente para que o processo de ensino aprendizagem prosseguisse junto aos alunos, bem como conhecer as impressões de um grupo de discentes do ensino fundamental I de uma escola municipal sobre sua vivência com a escola antes da pandemia, durante a pandemia e no retorno presencial. A temática justifica-se pela importância da educação para sociedade, em sua formação e na formação do indivíduo como cidadão. Movendo-se no âmbito qualitativo da pesquisa, fez uso de entrevistas semiestruturadas com gestores e uma docente, bem como uma roda de conversa com as crianças, mediante autorização da escola e dos responsáveis, quando crianças escreveram e desenharam sobre sua relação com a escola antes, durante e após a pandemia. Como resultados, destaca-se o conhecimento dos atos da gestão municipal para confrontar a interrupção presencial da educação escolar, a experiência de gestores de escolas em suas unidades de ensino, isto é, como a escola se organizou para aderir às novas formas de proporcionar a ação pedagógica, as ações educativas de uma docente participante face à realidade da pandemia, bem como expressões de crianças sobre sua relação com a escola antes, durante e após a pandemia, mediante diálogo e relatos escritos e/ou desenhos e texto livre.

Palavras-chave: Pandemia; Rede pública de ensino; Ações.

Introdução

Com o advento da pandemia da nova COVID-19 (2020), todo o globo sofreu impactos em todas as esferas da sociedade, inclusive e sobretudo, na educação. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE). Devido ao alto risco de contágio do novo vírus, o fechamento de escolas, universidades e demais atividades de educação, instrução e ensino dirigidas a estudantes de todos os níveis aconteceu em todo

¹ Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: ruthsales2000@gmail.com

² Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: jmipaiva@gmail.com

território nacional, objetivando frear o contágio e consequente sobrecarga dos sistemas de saúde.

Tal situação levantou o tensionamento pelas consequências desse fechamento de instituições educativas sobre o vínculo das crianças com suas escolas, uma vez que o Parecer CNE/CP nº 02/2020 (BRASIL, 2020) normatizou medidas “a serem adotadas pelos sistemas de ensino, instituições e redes escolares, públicas, privadas, comunitárias e confessionais, durante o estado de calamidade”. Com isso, uma das medidas alternativas tomadas foi constituída pelas aulas remotas, tendo como finalidade dar continuidade ao processo formativo dos educandos.

Nesse sentido, a pandemia trouxe à tona um tema que não é estranho à realidade do país, qual seja, a gritante desigualdade existente na educação, o que exige uma reflexão crítica e respostas que contemplem a todos os discentes da rede pública de ensino, já que “[...] devemos também aceitar que a pandemia tem a potência de mostrar tudo mais claramente”, na expressão de Walter Kohan (2020, p. 5).

Com isso, essa investigação caminhou na procura de quais ações a rede pública de ensino de São Mateus - ES adotou para que os(as) discentes não evadissem do processo de ensino-aprendizagem, e o vínculo dele(as) fosse mantido no período pandêmico, ouvindo gestores e docentes. Além destes, pareceu-nos ser mais da alta relevância escutar, colocar-se ao lado, também, dos discentes para deles ouvir de seu vínculo com a escola.

A importância de se debruçar sobre este tema justifica-se pelo fato de que o período de calamidade mundial proporcionou uma visão outra sobre aspectos os quais, julgava-se, inquebrantáveis, como o acesso à escola (KOHAN, 2020), além da importância que se deve dar à escola como agência pública de socialização e acesso à cultura (SAVIANI, 1995), bem como no papel cultural efetivo da escola, tantas vezes atacada como inoperante e arcaica.

Dialogando com Paulo Freire e defensores da conversa como metodologia de pesquisa, uma vez que o diálogo se fez presente em toda a busca investigativa, o presente relato de experiência intenciona descrever os resultados obtidos das entrevistas e roda de conversa com os educandos, objetivando documentar os caminhos metodológicos percorridos, além da autocrítica e reflexão à experiência da vivência do programa de Iniciação Científica.

Objetivos

Como objetivo geral investigou-se o vínculo de estudantes da escola pública durante a pandemia da Covid-19. Como objetivos específicos buscou-se caracterizar as ações da rede pública para manter a relação dos alunos com a escola para oferecer educação na pandemia, os desafios e realizações de três diretores e uma docente de escola municipal de ensino fundamental, escolhidos por sorteio, mediante entrevista semiestruturada virtual; identificar a percepção de crianças estudantes de uma escola, por meio de uma roda de conversa realizada na unidade de ensino, num diálogo tendo por eixo as temáticas: eu-escola antes da pandemia, eu-escola durante a pandemia e a escola que eu sonho, por meio de produção livre: textos, pensamentos, desenhos.

Embasamento teórico

Partindo do pressuposto freireano de que educar é intervir no mundo e de que a educação tem em sua natureza a dimensão política, consideramos que tal dimensão está implícita na prática educativa, seja em seu fundamento antropológico, pois se dá entre sujeitos humanos, logo, habitantes da pólis, cidade, Estado, seja em sua prática pedagógica baseada no diálogo, no respeito ao educando e sua cultura.

De acordo com Freire (1996), uma das constituintes da postura ética é a autocrítica e não estabelecer seu ponto de vista, enquanto atuante na educação, como pronto e acabado, estanque. A natureza do ser inacabado está presente na reflexão e diálogo feitos durante a pesquisa. Técnicos da Secretaria, gestores de escolas e a docente quando dizem que, no tempo presente, pensam que poderiam ter feito ações diferentes e melhorado outras, trazem à tona o que a espécie humana tem como uma de suas características constituintes: a inconclusão.

Freire (1996) mostra que há a necessidade de educadores assumirem uma postura ética que denuncia todo e qualquer tipo de opressão que naturaliza o que não é natural e assume uma posição fatalista e sem esperança ante às misérias e explorações sofridas por grande parte do mundo. Foi acreditando que se pode fazer análise crítica dos fatos, buscar e agir com curiosidade de quem não sabe, é que esta pesquisa nasceu, investigando, ouvindo atores do campo educacional

quais foram suas ações frente a pandemia, para que o vínculo dos discentes com suas unidades de ensino fosse mantido em tempos de isolamento social decorrente da COVID-19, bem como ouvir destes seus sentimentos e impressões sobre a escola antes e depois da pandemia.

De acordo com Paulo, não há conhecimento mais importante ou melhor que outro; existem formas diferentes de se conhecer, as quais são complementares. Conhecimento do senso comum e conhecimento científico, ambos são motores para a continuidade do caminhar humano, de sua historicização. Ouvir os(as) e dos(as) discentes suas impressões sobre a escola antes, durante a pandemia e no retorno presencial representou colorir a pesquisa com o reconhecimento da voz do educando e criar espaços dialógicos plenos de conhecimento legítimo e significativo.

Assim, assumindo a “conversa como metodologia de pesquisa - por que não?” (RIBEIRO, SOUZA, SAMPAIO, 2018), esse relato busca tornar mais claras as ações feitas em tempos pandêmicos para que os(as) alunos(as) das escolas públicas mantivessem seu vínculo com suas unidades de ensino.

Consideramos, ainda, que há riqueza no que é ordinário, de acordo com Certeau (1994; 1996, apud RIBEIRO, SOUZA, SAMPAIO, 2018, p. 48), pois o cotidiano e seus praticantes são fontes das ‘artes de fazer’ criativas e criadoras, constituindo práticas e redes vividas significativas, permitindo afirmar que: “[...] o cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada [...]” (FERRAÇO; ALVES, 2017, apud RIBEIRO, SOUZA, SAMPAIO, 2018, p. 48). Foi nessa dinâmica de cotidiano que foi feita a roda de conversa com as crianças sorteadas para aquele momento. Foi em meio ao cotidiano, também, que as entrevistas semiestruturadas foram realizadas; após o trabalho, em ambientes educacionais, nos lugares de atuação profissional de alguns participantes, com câmeras ligadas pelo Google Meet, gravando fundos de lugares das casas de entrevistados (as) e pesquisadores, no chão da vida.

Sob o pressuposto de Freire de que educar não é transferir conhecimento, quando se compreende, documenta e discute ações para que os educandos e educandas do município o qual sediou a presente pesquisa, mediante rigorosidade metódica, (re)afirma-se que “ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se ‘dispõe’ a ser ultrapassado

por outro amanhã” (FREIRE, 1996, p. 28). Os dados dessa investigação, sua discussão e tudo o mais que a acompanha pode ser ponto de crítica e superação. É devir; abertura a buscas novas e conhecimentos inéditos.

Metodologia

Foram utilizados procedimentos de trabalho variados: pesquisa bibliográfica, encontros periódicos via Google Meet entre os pesquisadores, entrevistas semiestruturadas e roda de conversa, além de pesquisa documental, buscando documentos oficiais expedidos pela Secretaria Municipal de Educação de São Mateus e órgãos oficiais, como o Ministério da Educação.

Aconteceram três entrevistas semiestruturadas, a saber: **Entrevista 1** com a subsecretária de educação e um docente em função técnica dentro da Secretaria; **Entrevista 2**, realizada com gestores de escolas municipais, sendo duas urbanas e uma campesina; **Entrevista 3** com uma docente da rede pública de ensino de São Mateus. Todos esses encontros foram feitos via Google Meet e as entrevistas foram transcritas. **A roda de conversa** aconteceu no chão da escola e foi realizada mediante a assinatura dos pais e/ou responsáveis do Registro Livre e Esclarecido.

A escolha dos diretores foi feita por sorteio pelo site *sorteador.com*. Por razões éticas, os nomes das instituições de ensino contempladas pelo sorteio serão tratados por nomes fictícios. Os (as) docentes, também, seriam escolhidos mediante sorteio, após lista de nomes fornecidos pelos diretores entrevistados. Porém, apenas um diretor indicou três nomes e, desses três, somente uma docente aceitou o convite de fazer parte da pesquisa.

Resultados

Na primeira entrevista, o Entrevistador 1 fez perguntas abertas sobre como os gestores encararam o momento pandêmico na Secretaria e quais ações foram tomadas para que o vínculo dos estudantes das escolas públicas fosse mantido. De acordo com a Subsecretária, a primeira ação que a Secretaria tomou para manutenção e/ou promoção do vínculo dos alunos e alunas com suas escolas foi a elaboração de um material impresso, o qual abrangia desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental II.

[...] nossa primeira iniciativa foi a produção de um material feito

internamente na secretaria para que fosse ofertado aos alunos. [...] esse material, em forma de apostila, ele foi todo produzido na Secretaria de Educação, preparado, né, foi feito cópias e distribuídas às escolas em todas as disciplinas [...] (Subsecretária).

Porém, em meados de 2020, os profissionais da Secretaria começaram a perceber que a elaboração e impressão desse material não era mais suficiente e pensaram numa nova estratégia. “[...] no fim das contas, nós percebemos que o que o Google tinha era a ferramenta necessária para o momento [...]” (Técnico).

A princípio, as ferramentas Google seriam usadas apenas para postagem de atividades. Porém, com o passar do tempo, os técnicos chegaram ao entendimento que havia a necessidade de os(as) discentes terem atendimento em tempo real com os professores, momento no qual a Secretaria adotou o uso do Google Meet. “[...] a gente precisava colocar o professor em contato com aluno em tempo real [...] E aí a gente começa a fazer [...] o uso do Google Meet, começa a marcar as aulas no Meet.” (Subsecretária).

Em relação aos alunos (as) e escolas as quais não dispunham de acesso, como era o caso das instituições de ensino do campo, é informado na conversa, por parte dos entrevistados, que a Secretaria continuou garantindo o material impresso aos discentes e unidades de ensino sem condições de acesso. “Esses que não tinham acesso à internet, nós continuamos garantindo todo material que era postado na plataforma. Ele era garantido de forma impressa para o aluno. (Subsecretária).”

Caminhando para o fim da conversa, a subsecretária relata: “[...] E a gente vê o quanto que a gente errou, ainda, [...] mas a gente também consegue ver o tanto que nós conseguimos que a escola respeitasse todo esse processo, e, hoje, reconhecesse esse processo” (Subsecretária).

A Entrevista 2 aconteceu com três diretores. O Diretor A é gestor há dois anos da escola EMEF Professora Maria Josefa; Diretor B dirigente da EMEF Antônio José, escola campesina; e a Diretora C da EMEF Paulo Freire.

Quando se iniciou a conversa com os gestores das escolas sorteadas, o Diretor A começou enfatizando alguns dos impactos que sentiu e observou da forma como as ações para as escolas no município de São Mateus foram conduzidas, a fim de que mantivesse o vínculo dos alunos e alunas com suas respectivas unidades de ensino. De acordo com ele: “Então, a escola, quando

não se tem um professor ali para tá auxiliando na dificuldade deles, a escola se torna um pouco mais entediante” (Diretor A).

Nessa conversa, os diretores foram perguntados sobre as ações que as escolas, internamente, tomaram para manter o vínculo dos discentes com a escola. O Diretor A nos informou que, primeiro, foram entregues apostilas produzidas pela Secretaria Municipal de Educação (SME) para os discentes estudarem e fazerem as atividades.

O Diretor B fez os seguintes apontamentos:

Como trabalhar com um aluno do campo essas atividades que era proposta pela Secretaria? Como entregar as atividades pros alunos? Porque eu tenho alunos que, para chegar na escola é 30 quilômetros, muitos pais não têm condição, como que nós vamos resolver? [...] Então, primeiro nós começamos entregando as atividades impressas; então, no primeiro momento, nós organizamos a nossa equipe administrativa da escola, nós coordenadores, nós fizemos a seguinte proposta: vamos imprimir as atividades, e cada um vai dar jeito de entregar em uma comunidade. (Diretor B).

A Diretora C, gestora da EMEF Paulo Freire, compartilhou: “[...] a gente foi para as escolas fazer a entrega desse material que era produzido pelo professor. [...] E nós ficamos com muitas atividades na escola que pai não voltou para buscar e tudo mais” (Diretora C).

Sobre a utilização da plataforma Google, os diretores informaram na entrevista que, primeiramente, foi feita uma formação para os educadores com a finalidade de, após, o atendimento aos alunos via Google Meet e postagem de atividades no Google Sala de Aula começasse a vigorar nas escolas.

A experiência que o gestor da EMEF Professora Maria Josefa - Diretor A - nos coloca sobre esse período de atendimento via Google Meet é a seguinte:

Aí nós encontramos uma nova barreira, né, porque nós estamos numa periferia, aonde as nossas crianças, pais, familiares, são extremamente é... Vamos dizer assim, não tem acesso à tecnologia, né? [...] numa sala de trinta alunos entravam, quando entravam, dois alunos, né, três alunos, no máximo (Diretor A).

O Diretor B compartilhou de uma situação semelhante: “[...] a primeira pergunta é, né: Como que eu vou fazer atendimento no Meet para 220 estudantes do campo que mal mal pega o sinal de internet?” (Diretor B).

Quando perguntados se fariam algo diferente, os entrevistados respondem: “[...] eu tentaria abraçar mais aquele pai resistente” (Diretora C). O Diretor A diz que talvez faria atendimentos presenciais com rodízios de alunos; já o Diretor B, por ser gestor numa escola campesina, chama a atenção para a questão da promoção de acessibilidade tecnológica aos alunos do campo por parte da Secretaria e como fazer isso chegar não somente aos alunos, mas à comunidade escolar, tensionando uso de tecnologias no campo e relação da família com a escola.

Seguindo a investigação, ocorreu a entrevista com a docente. Convidada a falar sobre suas ações e experiências como docente em tempos pandêmicos, ela relatou que:

Num primeiro momento, a Secretaria mandou uma apostila, posteriormente, nós, professores, planejávamos e, uma vez por semana, postávamos atividades na plataforma. Mesmo que os alunos não acessassem ela, nós tínhamos a obrigatoriedade de deixá-la lá. E o supervisor pegava e enviava para escola, e lá tinha uma pessoa responsável para fazer as impressões e distribuir pros alunos (Docente).

Sobre o vínculo, especificamente, ela relatou que

Sim, uma pequena parcela manteve o vínculo, ia na escola semanalmente, pegava as atividades, devolvia, participava das aulas no Google Meet, tirava dúvidas... Aquela parcela que não conseguiu manter esse mesmo vínculo, que não ia frequentemente buscar as apostilas, que não tinha alguém na família para ajudar, para tirar uma dúvida, que não participou dos momentos de tirar dúvida no Google Meet, eles perderam um pouco esse vínculo (Docente).

Ainda, depois da etapa de postagem de atividades, como relatado anteriormente, os professores e professoras da rede começaram a fazer atendimentos via Google Meet, o que, para a realidade dos alunos(as) da comunidade onde a profissional da educação é atuante, foi muito difícil de acontecer.

Prosseguindo os passos propostos no projeto de pesquisa, os pesquisadores foram até à escola, a qual a professora entrevistada, bem como o Diretor A concordaram em recebê-los para a roda de conversa com os discentes. Inicialmente, esse momento seria no formato online, dadas as incertezas do momento pandêmico no qual a intenção de pesquisa foi escrita (meados do ano de 2021).

A roda de conversa foi feita com 7 alunos(as) os(as) quais foram autorizados pelos pais e/ou responsáveis a participarem da pesquisa; são discentes do 6º ano do Ensino Fundamental. Sobre esse momento, a pesquisa ancora-se sob a égide de que

Professores e professoras, pesquisadores e pesquisadoras que habitam o dia a dia da escola e trabalham com educação e com investigação educativa conhecem a potência do mínimo, do menor, do que aparentemente parece miúdo e insignificante, mas carrega consigo a força da grama que brota em meio às coisas (...) *ela própria brota pelo meio. A grama tem sua linha de fuga, e não de enraizamento* (Deleuze; Parnet, 1998, p.53. Grifos nossos). (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2017, p. 31).

Na ocasião da roda de conversa, foi pedido aos alunos(as) que eles (as) expressassem, por meio da linguagem a qual se sentissem mais à vontade, suas perspectivas sobre a escola antes, durante e depois da pandemia. Para tanto, foi entregue às (aos) estudantes folhas A4 em branco, lápis de cor e escrever para fazerem seus registros e, depois, compartilhá-los com o restante.

Ao terminarem, os (as) discentes compartilharam à roda suas obras e falaram sobre elas. Desenhos como “antes e depois” da pandemia foram feitos, ilustrando estabelecimentos abertos e fechados. Um aluno registrou em seu desenho: “Covid muda a pessoa”; uma outra estudante fez uma arte retratando um rosto com uma máscara metade preto e branco e metade colorida, demonstrando que tudo ficou mais colorido com o retorno à escola, mesmo com o uso de máscaras. Outros optaram pela escrita de um texto, registrando o sentimento de que “[...] tudo ficou mais fácil reencontrei meus amigos e tudo se resolveu” (Aluno).

Conclusões

Um dos elementos altos desta pesquisa foi constituído pelo compartilhamento de múltiplos cotidianos, em que se misturaram as entrevistas semiestruturadas com técnicos da Secretaria Municipal de Educação (SME), diretores e a docente, além da roda de conversa com as crianças, que deram um contorno singular ao presente trabalho. As principais dificuldades encontradas foram os agendamentos das entrevistas, bem como a tarefa de transcrevê-las. Contudo, a investigação proporcionou uma experiência única de pesquisa aos envolvidos, possibilitou que atuantes da/na educação falassem sobre suas

vivências, trazendo à tona um elemento fundante de continuidade e transformação da vida: a memória. Assim sendo, os cotidianos pandêmicos aqui descritos, os esforços e ações para que o(a) discente não perdesse o vínculo com sua instituição de ensino tocaram em assuntos periféricos ao centro de investigação - o vínculo - de modo a abrir muitas possibilidades de pesquisa, como a relação família-escola, indisciplina, saúde docente em tempos pandêmicos, gestão escolar, estudos do cotidiano na escola, dentre outros.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP no 02/2020**. Institui Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação dos dispositivos da Lei no 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas pelos sistemas de ensino, instituições e redes escolares, públicas, privadas, comunitárias e confessionais, durante o estado de calamidade reconhecido pelo Decreto Legislativo no 6, de 20 de março de 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=167141-rcp002-20&catoy_slug=dezembro-2020-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 26 jun. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOHAN, W. O. **Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica**.

Práxis Educativa, [S. l.], v. 15, p. 1–9, 2020. DOI:

10.5212/PraxEduc.v.15.16212.067. Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16212>. Acesso em: 07 jul. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Doença de coronavírus (COVID-19) Pandemia**. Disponível em: <<https://www.who.int/pt/home>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa - por que não?**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. (Teorias da educação. Curvatura da vara. Onze teses sobre educação e política.) 29.ed. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1995. 104 p. [1.ed. 1983] [Coleção Polêmicas do nosso tempo].